



HAL
open science

A gênese social do homo-economicus : a argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu

Marie-France Garcia

► **To cite this version:**

Marie-France Garcia. A gênese social do homo-economicus : a argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu. *Mana*, 2006, 12 (2), pp.333-357. 10.1590/S0104-93132006000200004 . hal-02654768

HAL Id: hal-02654768

<https://hal.inrae.fr/hal-02654768>

Submitted on 29 May 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License

A GÊNESE SOCIAL DO HOMO-ECONOMICUS: A ARGÉLIA E A SOCIOLOGIA DA ECONOMIA EM PIERRE BOURDIEU*

Marie-France Garcia-Parpet

Ainda que Pierre Bourdieu tenha demonstrado interesse pelas questões econômicas ao longo de toda a sua obra, seus primeiros trabalhos relativos à Argélia tiveram uma recepção muito diferenciada em vários países, e a relação entre seus primeiros escritos e aqueles concernentes à sociedade capitalista é raramente examinada como um elemento fundamental em sua *démarche* teórica (Bourdieu e Wacquant 1992; Lopes 2003; Garcia Jr. 2003). A recepção de sua obra no universo anglo-saxônico ilustra particularmente bem a separação entre seus trabalhos de sociólogo, relativos à França metropolitana, lidos independentemente de suas primeiras pesquisas como “etnólogo”, concernentes à Argélia.

As divisões disciplinares — na França e fora dela — constituem um obstáculo à percepção da cumulatividade dos instrumentos de conhecimento ao longo do itinerário intelectual de Bourdieu. Para dar conta deste fato, seria preciso encarar as trocas científicas internacionais a partir de um ângulo sociológico, como o fez Michael Pollak para analisar a difusão da obra de Max Weber; caso contrário, nem se percebe que:

a nova tese tem toda a chance de ser ignorada ou rejeitada como “estranha” ou “bizarra”, se ela não puder ser aproximada do já conhecido — por analogias ou por intermédio de operações lógicas simples. O mesmo se passa com seu autor, que será portanto ignorado ou rejeitado por seus pares [...] Assim analisada, a difusão de uma obra “estrangeira” pode ser comparada àquela de “descobertas prematuras” ou de “obras desconhecidas”, tal afirmação ocorrendo não segundo um registro moral de denúncia ou de recriminação, mas segundo um registro analítico de mudanças de conjuntura nas relações entre concepções dominantes e dominadas em um campo científico (Michael Pollak 1986:2).

Um trabalho deste porte ultrapassa amplamente o escopo do presente texto, que se propõe a demonstrar que o interesse de P. Bourdieu pelas

questões econômicas fica patente desde os seus primeiros trabalhos sobre o processo de adaptação ao capitalismo das populações autóctones na Argélia, nos quais já se encontram as formas mais elaboradas de uma sociologia econômica. Tais trabalhos revelaram-se essenciais para todas as pesquisas que se seguiram como fontes de questões a serem examinadas, como matrizes de inovações conceituais e como posturas teóricas posteriormente afirmadas.

Ao abordar sobretudo a questão do agente, P. Bourdieu vai opor-se radicalmente à concepção da teoria neoclássica e mostrar que "as disposições econômicas mais fundamentais, necessidades, preferências, propensões ao trabalho, à poupança, ao investimento não são exógenas, isto é, dependentes de uma natureza humana universal, mas endógenas e dependentes de uma história, a do próprio cosmos econômico no qual são exigidas e recompensadas" — uma afirmação retomada em *Les structures sociales de l'économie* (Bourdieu 2000:20). Ao associar a isto uma reflexão a propósito do celibato no Béarn (Bourdieu 1962c, 2002b), o autor vai elaborar a teoria do *habitus*, que permite ultrapassar a oposição entre as estruturas e os indivíduos e levar em conta a experiência dos agentes, parte integrante da realidade social. A originalidade de seus trabalhos deve-se, entre outros aspectos, a uma abordagem pluridisciplinar singular e a uma experiência híbrida do mundo social, cuja história social precisaria ser feita — uma história que abarcasse, ao mesmo tempo, um itinerário biográfico, o estado do campo das ciências sociais na época em que foram realizados os trabalhos de Bourdieu e, de um modo mais geral, o contexto político da França e da Argélia nos anos 1960. Nós nos contentaremos aqui em evocar apenas alguns destes aspectos.

Os trabalhos de P. Bourdieu sobre o processo de adaptação ao capitalismo em uma sociedade colonizada de forma alguma constituem um fato isolado na França durante esse período. De fato, a partir de 1960 são publicadas, particularmente em antropologia, inúmeras pesquisas que tangenciam a questão da elucidação dos fatos econômicos relativos à descolonização e aos novos modos de inserção das sociedades dominadas na economia dominante. Na França — iniciada por Georges Balandier com a noção de "situação colonial"¹ e alimentada por trabalhos empíricos anglo-saxões — a análise dos comportamentos econômicos desenvolveu-se em resposta mais ou menos direta à preocupação em revelar os freios e os obstáculos à modernização e os comportamentos dos agentes diante da pressão da sociedade dominante.

A obra coletiva, intitulada *L'anthropologie économique, courants et problèmes*, organizada por François Pouillon (Pouillon 1976), dá conta da importância atribuída a esses trabalhos que marcaram a cena intelectual da época, enumerando as problemáticas por eles abordadas: a organização social do trabalho e sua articulação com as relações de parentesco, a circu-

lação dos produtos (Meillassoux 1964), a articulação das hierarquias e dos poderes com as realidades econômicas, a inserção das formas mercantis nas relações sociais linhageiras (Rey 1971) e a questão da racionalidade econômica (Godelier 1968). Claude Meillassoux, Philippe Rey e Emmanuel Terray viram, nesses novos campos, domínios passíveis de aportarem uma renovação decisiva para as ciências sociais, sobretudo em sua versão marxista, permitindo a construção de uma teoria dos modos de produção pré-capitalistas.² A recorrência deste pensamento nos esquemas de reflexão caracteriza-se por debates em torno dos modos de produção. Inspirando-se nos trabalhos de Marx, P. Bourdieu permaneceu apartado de tais debates sobre os modos de produção, e seu recurso a Max Weber reforçou o exame das mudanças de comportamento e das categorias de pensamento sob a empresa de um “materialismo generalizado”. Por outro lado, tendo publicado na obra dirigida por François Perroux, consagrada à problemática do subdesenvolvimento, e na revista *Sociologie du Travail*, seus trabalhos inscreveram-se em uma outra região do campo científico de maneira tal que as produções sobre a África negra e sobre a Argélia, ainda que ressaltando a mesma problemática, permaneceram estranhas umas às outras.

História, prática científica e interdisciplinaridade

P. Bourdieu viveu na Argélia durante o serviço militar, para o qual foi convocado em 1955, trabalhando pouco depois como assistente de filosofia na faculdade de Alger, na qual lecionaria até 1960. É em plena guerra de independência que ele vai se interrogar a respeito dos efeitos sociais do desenraizamento das sociedades tradicionais e da confrontação dos indivíduos com a lógica da economia de mercado. Seus trabalhos realizados durante o período do serviço militar — publicados em francês na coleção “Que sais-je?”, com o título *Sociologie de l'Algérie* (Bourdieu 1958) — consistem, segundo suas próprias palavras, em “um balanço crítico de tudo o que ele havia acumulado com suas leituras e observações, servindo-se de instrumentos teóricos à disposição na época, isto é, aqueles fornecidos pela tradição culturalista, mas repensados de uma maneira crítica, distinguindo, por exemplo, a situação colonial como relação de dominação e de aculturação” (Bourdieu 2002b:39). Ele engajou-se, em seguida, em um projeto coletivo e interdisciplinar sobre a situação do emprego, coordenado por Jacques Breil — então diretor do Service Statistique de l'Algérie — que propôs à Caisse de Développement de l'Algérie criar uma Association de Recherche sur le Développement Economique et Social (ARDES).

Esta pesquisa deve seu caráter inédito tanto às circunstâncias nas quais foi conduzida, quanto à sua diversidade disciplinar (agrupando três estatísticos, dos quais Claude Seibel, engenheiro da Ecole Polytechnique, e Pierre Bourdieu, filósofo da Ecole Normale Supérieure³, em plena “muda intelectual”, isto é, realizando a passagem da filosofia à etnologia e à sociologia). A evocação elíptica dos riscos incorridos quando desse trabalho de pesquisa, nas circunstâncias trágicas da guerra revolucionária (“os riscos não são apenas intelectuais” [Bourdieu 1972a, prefácio]), e as referências discretas (em notas de rodapé) — relatando “as condições de controle policial” nas quais a pesquisa foi realizada e “o fato de que os pesquisadores sempre deveriam esperar por uma acolhida desconfiada” (Bourdieu 1977a:74) — somente tomariam formas mais explícitas em uma obra póstuma, permitindo uma apreensão mais precisa das reais condições de trabalho de campo em tais circunstâncias (Bourdieu 2004:65-79). Trata-se de uma situação de exceção, propícia a colocar em suspenso as relações mais clássicas estabelecidas entre pesquisadores e disciplinas na França, particularmente a da ignorância ou da fascinação — nem sempre produtiva — existente entre a sociologia e a etnologia, de um lado, e as estatísticas, de outro. Isto se torna ainda mais evidente ao constatarmos que a “Faculdade de Alger dispunha de relativa autonomia intelectual quando comparada às faculdades metropolitanas, com suas hierarquias, seus modos de recrutamento locais, sua reprodução quase independente” (Bourdieu 2002b:37) e, segundo Claude Seibel, eram de extrema importância as iniciativas tomadas, na ocasião, por jovens sociólogos e jovens estatísticos.⁴

Os trabalhos de P. Bourdieu vão se afirmar inicialmente contra a corrente fenomenológica conhecida mais amplamente como defensora do existencialismo dominante nos anos 1950; em seguida, por um distanciamento em relação ao estruturalismo, que com Claude Lévi-Strauss contribuiria para conferir à antropologia um lugar de referência nas ciências sociais. Gisèle Sapiro chama a atenção para o fato de que os trabalhos de P. Bourdieu são, de certo modo, tributários da problemática sartriana, ainda que ele fizesse parte daqueles que pretendiam reagir contra a imagem ao mesmo tempo fascinante e repulsiva do intelectual total, presente em todas as frentes de pensamento (Sapiro 2001). Seguindo o modelo da fenomenologia alemã, o pensamento de Sartre ilustrava a possibilidade de se refletir sobre o mundo contemporâneo, sobre a filosofia em contato direto com as coisas da vida cotidiana e com o mundo, o que havia marcado P. Bourdieu.⁵ Na fenomenologia que ele conheceu por intermédio de Sartre e Merleau-Ponty, os trabalhos de Husserl iriam influenciar seu pensamento, particularmente a apreensão da experiência primeira do mundo como evidente, e a importância

da reflexão sobre o tempo, um conceito que está no cerne da pesquisa sobre a racionalização das condutas na Argélia.

É também a filosofia do engajamento ligada à concepção de liberdade — desenvolvida em Sartre — que vai marcar os trabalhos desta época, mais tarde qualificados por ele próprio como “ofício militante” (Bourdieu 1980:8). Esta escolha, afirma Gisèle Sapiro, é a expressão da dupla recusa da postura do sábio recluso em sua torre de marfim e do intelectual revolucionário profissional. Reconhece-se aí, pela *démarche* e pela própria escolha dos objetos, a marca do modelo sartriano de uma atividade intelectual-literária, filosófica ou científico-engajada, sem que tal engajamento condicionasse *a priori* as conclusões e entravasse a verdade (Sapiro 2001:173). No “avant-propos” de *Travail et travailleurs en Algérie*, definindo o espírito que animou sua *démarche*, Bourdieu ressalta o peso dos constrangimentos sociais e os limites do voluntarismo, chegando a qualificá-lo como um “testemunho que pode não servir a nada nem a ninguém” (Bourdieu 1963a:259).

Deixando de lado o radicalismo verbal e as condenações humanistas de princípio que faziam da revolução argelina objeto de debates abstratos, Bourdieu conferiu os meios para analisar as condições de acesso à consciência revolucionária, com a preocupação de descrever, de documentar, de tirar fotografias. Cioso de sua responsabilidade, ele considerava que aquilo que “se deve exigir com todo rigor do etnólogo de uma situação colonial é que ele se esforce em restituir a outros homens o sentido de seus comportamentos que, dentre outras coisas, lhes foi expropriado pelo sistema colonial” (Bourdieu 1963a:259) e em fornecer os elementos para uma compreensão adequada.

Ao traduzir o espírito que reinava na associação de pesquisa científica que congregava estatísticos e sociólogos, ele menciona a “opção por estudar a sociedade argelina, praticamente desconhecida na época, nascida de um impulso muito mais cívico do que político (Bourdieu 2002b:39) e a intenção dos membros do grupo de “simplesmente cumprirem seus papéis de escrivões a serviço de pessoas iletradas, sem se iludirem com a perspectiva de estarem realizando uma missão histórica ou um dever moral” (Bourdieu 1963a:260). O exemplo da publicação de dois de seus trabalhos dessa época é ilustrativo do lugar que eles ocupavam em tal contexto histórico. Sua primeira obra, *Sociologie de l'Algérie* — publicada na França em 1958 pela Presses Universitaires de France — que consiste, como já mencionamos, em um balanço de trabalhos etnológicos, foi também publicada nos Estados Unidos, com prefácio de Raymond Aron, e ostentava em sua capa a bandeira da Argélia, antes mesmo de o país ser declarado independente. Quanto ao artigo “De la guerre révolutionnaire à la révolution”, ele foi publicado em uma obra

intitulada *L'Algérie de demain*, organizada por François Perroux, professor no Collège de France, sob a rubrica "Aspectos sociológicos"⁶.

Esta descrição das condições nas quais a população argelina deveria confrontar-se com a economia de mercado revelada pela guerra⁷ — que era, ao mesmo tempo, uma denúncia da violência exercida pelo sistema colonial — revelou uma dimensão singular, porque informada por um interesse particular pela etnologia. P. Bourdieu publicou um artigo intitulado "La maison kabyle où le monde renversé" em uma obra em homenagem a Lévi-Strauss (Bourdieu 1970), um outro sobre "Le sentiment de l'honneur" (Bourdieu 1965) e, por fim, uma pesquisa sobre o celibato no Béarn (Bourdieu 1962c). Este trabalho, realizado na mesma época, é — como ressalta o próprio autor em um esboço de auto-análise — inseparável dos trabalhos concernentes à Argélia. Partindo da crise do celibato, o texto mostra como a dominação simbólica que se exerce em favor da unificação do mercado matrimonial teve um papel determinante na crise da reprodução da família camponesa. Esta análise, muito distinta no que diz respeito à linguagem adotada, não faz referência alguma aos conceitos desenvolvidos pela ciência econômica (que não se propunha, aliás, a analisar a transmissão do patrimônio) e como o próprio P. Bourdieu afirmaria em seu *Esquisse d'auto analyse*, "a verdade somente se revela ao ocultar-se" (Bourdieu 2004:85). É apenas em uma segunda retomada da análise⁸, publicada em *Etudes Rurales*, que esta última se afirma claramente contra a economia marxista: ao atribuir-se o subtítulo "La dimension symbolique de la domination économique", ao conferir um outro lugar para as dimensões simbólicas das práticas e, partindo do agente, ao impossibilitar a oposição simplista entre infra e superestrutura.

Quando utiliza os instrumentos de análise produzidos por P. Bourdieu, Louis Pinto permite questionar-se a respeito das condições sociais de sua própria pesquisa sobre a Argélia, terreno que ele não havia escolhido a princípio, e do qual fez — segundo uma expressão que costumava empregar com frequência — "da necessidade, virtude". "O sociólogo está presente em si mesmo, não como uma consciência clara e transparente, mas como um agente socialmente definido, marcado por suas origens, por uma escolaridade, mergulhado em tarefas concretas e caminhando por uma dialética da experiência e da objetivação que o coloca à prova, tanto quanto o seu objeto" (Pinto 2003:90-91). L. Pinto nos convida a compreender como se constituiu o *habitus* que o próprio autor designava como clivado e como isto contribuiu para que ele voltasse o seu olhar para uma teoria das práticas. O pesquisador participa — por sua trajetória e função — do universo erudito e, por outra parte constitutiva dele próprio, do universo cotidiano. Esta maneira de reconhecer nos agentes uma forma de competência que

nada deve à escola ou à ciência é um modo de não renegar os vínculos com o universo social de origem.

L. Pinto menciona uma citação de Pierre Bourdieu — em uma entrevista concedida a Franck Schultheis — na qual o autor evoca sua experiência de pesquisa na Argélia: “o olhar de etnólogo compreensivo que eu tive em relação à Argélia, eu pude aplicá-lo a mim mesmo, às pessoas da minha terra, a meus pais, ao sotaque do meu pai, da minha mãe; e recuperar tudo isto sem drama” (Bourdieu 2003:24). Ao perceber o camponês kabyla e o camponês do Béarn em uma espécie de subimpressão, a postura objetivista tenderia a ser vista como uma forma de arrogância ou de desprezo que atinge não somente os indivíduos que constituem o objeto da análise, mas também figuras significativamente mais próximas. Intelectual de primeira geração, filho de um camponês que se tornou funcionário de baixo escalão, devido à sua condição de filho caçula, P. Bourdieu estava propenso a perceber as tensões entre o universo rural e o urbano, tensões estas vivenciadas no interior de sua própria família. Existia uma similitude de situações na violência sofrida em função da transformação do modo de “procura” da esposa — dali por diante, submetida a uma competição pessoal, não delegada aos mediadores do grupo, e que privava os indivíduos do direito de se reproduzirem (Bourdieu 2005) — na situação de violência experimentada pelos camponeses argelinos, brutalmente jogados em um mercado de trabalho que lhes era completamente estranho, e na violência sofrida pelo investigador, confrontado com o modo de funcionamento do mundo acadêmico para o qual sua trajetória não o havia preparado. Tantas as situações que, se elas não estivessem sempre presentes na ordem do consciente, levariam o autor a vivenciar e a se questionar a respeito da distância entre as disposições dos agentes e as estruturas nas quais eles se movem.

O trabalho de campo com camponeses kabyla — simultaneamente diferentes e semelhantes — veio reavivar essas contradições, colocando-o em uma posição de “Senhor”, autoridade em relação a “estas pessoas às quais a ciência nega qualquer autoridade; tratando-se tão somente de utilizá-las para obter um saber que lhes escapa (Pinto 2003:99). Dirigir sua atenção aos saberes práticos constituía uma forma de ultrapassar a contradição do “duplo eu”, que a seu ver manifestava-se entre a teoria e a prática, entre o universo nobre e delusório da École e o universo profano de origem, por ele ultrapassado ao tomar como projeto a análise da “relação prática no mundo” (Pinto 2003:95).

Compreenderemos aqui a importância do papel de Abdelmalek Sayad⁹, estudante argelino que se tornou um colaborador próximo e um amigo, conferindo a Bourdieu esse olhar híbrido de familiarização com um mundo

estrangeiro e de desenraizamento de um mundo familiar: condição essencial de uma etnografia refinada para que "a linguagem da regra e do modelo, que pode parecer tolerável quando aplicada a práticas estrangeiras, não resista à simples evocação concreta do conhecimento prático da simbólica das interações sociais — tato, habilidade, *savoir-faire*, senso de honra — que pressupõem os jogos de sociabilidade mais rotineiros e que pode se fazer acompanhar da aplicação de uma semiologia espontânea, isto é, de um *corpus* de preceitos, de receitas e de indícios codificados" (Bourdieu 1980:162).

Segundo o autor, é a percepção da "gratuidade" da pesquisa puramente etnográfica, do absurdo de uma investigação sobre as práticas rituais em tempos de guerra que o incitaram a empreender, nos quadros do Institut de Statistiques d'Alger — em colaboração com Alain Darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel — as pesquisas que levaram à publicação de *Travail et travailleurs en Algérie* e *Le déracinement*, em colaboração com A. Sayad (Bourdieu 1980:11). É nestes trabalhos que a preocupação com o engajamento aparece várias vezes retomado, na conclusão de suas análises sobre as condutas econômicas, na qual ele evoca a possibilidade da aparição de um projeto (pessoal e familiar) em relação à racionalização do comportamento econômico e de uma consciência revolucionária, ou então quando a análise da sociedade tradicional coloca em evidência instituições que têm formas análogas àquelas que podemos encontrar no sistema capitalista e que um olhar pouco atento poderia confundir. É assim que, com o intuito de construir uma nova ordem política, ele chama a atenção do leitor para os perigos políticos de tornar particularmente semelhantes a ajuda e a cooperação, para a especificidade da relação com a moeda e o crédito¹⁰ e, de forma mais geral, para a vigilância contra o voluntarismo político.

Desagregação da sociedade tradicional: gênese das situações objetivas e das disposições mentais

A partir dos anos 1950, a constituição de um mercado de trabalho pela colonização vai ser acelerada pela vontade de autonomia política dos repatriados argelinos, em relação à qual a autoridade militar francesa irá responder brutalmente, obrigando-os a abandonarem as terras ancestrais e reagrupando-os em campos ou a migrarem em direção às cidades, desagregando as unidades sociais tradicionais. Ao acelerar o êxodo rural e ao favorecer a difusão dos modelos urbanos, os reagrupamentos precipitaram a perda da condição camponesa¹¹ e acarretaram o abandono das condutas econômicas pertinentes à economia tradicional, na qual a indivisão impedia o cálculo econômico racional.

De fato, a situação da Argélia difere radicalmente daquela evocada por Sombart (1926:235) e lembrada por P. Bourdieu, do capitalismo nascente, no qual o empreendedor é, ao mesmo tempo, aquele que faz o capitalismo. Apoiando-se em M. Weber, P. Bourdieu vai mostrar que, nessa situação, o capitalismo preexiste aos indivíduos e cada um deve vivê-lo sem poder transformá-lo, “patrimônio objetivado de uma outra civilização, herança de experiências acumuladas, técnicas de remuneração ou de comercialização, métodos de contabilidade, de cálculo, de organização, o sistema importado pela colonização se impõe com um cosmos no interior do qual os trabalhadores se vêem jogados e cujas regras eles devem aprender para sobreviver” (Bourdieu 1977a:13). Diante desse sistema imposto, a adaptação bem-sucedida supõe uma reinvenção criadora: o novo sistema de atitudes e de modelos não é elaborado no vazio. Ele constitui-se a partir das atitudes costumeiras que sobrevivem ao desaparecimento ou à desagregação de suas bases econômicas, e que não podem estar adaptadas às exigências da nova situação senão a custo de uma transformação criadora muito freqüentemente dolorosa. Enquanto no capitalismo nascente ou na sociedade de capitalismo pleno a discordância entre as atitudes concretas e as estruturas da economia são reduzidas, na Argélia, atitudes e ideologias diferentes coexistem na sociedade global e às vezes até mesmo no interior das consciências.

A observação das diferentes atitudes diante desse processo que alterou profundamente todos os domínios da vida cotidiana coloca em evidência a diversidade das situações objetivas e as diferentes maneiras de vivenciar essa experiência. Os agentes econômicos não são atores genéricos, intercambiáveis, mas mulheres e homens de uma certa idade, situados no espaço social, portadores de uma história individual e coletiva. “Nada mais estranho à teoria econômica — que pretende se fundar sobre as atitudes do sujeito econômico — do que o sujeito econômico concreto: longe da economia ser um capítulo da antropologia, a antropologia não é senão um apêndice da economia, e o *homo economicus*, uma criação fictícia dotada das faculdades correspondentes às propriedades características do sistema capitalista, o resultado de uma dedução *a priori* que tende a encontrar confirmação na experiência, ao menos no limite, porque o sistema econômico em vias de racionalização tende a formatar os sujeitos em conformidade às suas expectativas e exigências. Daí por diante, tendo se indagado implícita ou explicitamente sobre o que deve ser o homem econômico para que a economia capitalista seja possível, tenderemos a considerar as categorias da consciência econômica próprias ao capitalismo como categorias universais, independentes das condições econômicas e sociais” (Bourdieu 1977a:10).

O caso da Argélia veio evidenciar o que a análise de nossas sociedades nos leva freqüentemente a esquecer, porque o sistema econômico e as atitudes estão em harmonia quase perfeita. A análise deste caso específico permite explicitar a evidência de que o sistema econômico se apresenta como um campo de expectativas objetivas que somente podem ser satisfeitas pelos sujeitos dotados de um certo tipo de consciência econômica e, em sentido mais amplo, temporal. É de fato a atitude em relação ao tempo a chave para a compreensão de comportamentos diferenciados, em face da previsão calculista, fundadora da ação econômica racional.

Racionalização das condutas econômicas: atitude relativa ao tempo e ao mundo

A racionalização das condutas econômicas está no cerne da problemática de *Travail et travailleurs en Algérie* e de *Le déracinement*; a julgar pelas conclusões destas obras, ela ganha sentido, em grande parte, para informar a questão política de identificação das forças revolucionárias e o sentido a ser atribuído às instituições econômicas existentes a partir da ótica da instauração de uma nova ordem política. É de fato a lógica da passagem da economia pré-capitalista à economia capitalista e a assimilação das categorias de pensamento que lhe são solidárias que mobilizam as atenções dos autores e suscitam a análise das condições necessárias para que o cálculo racional e, logo, o espírito de previsão e de cálculo possam ser aplicados pelos agentes.

O delineamento da problemática relativa à economia está sintetizado na introdução de "La société traditionnelle. Attitude à l'égard du temps" (Bourdieu 1962c). O artigo inicia com a questão da teoria da utilidade marginal e afirma que, ainda que esta última não exprima uma regularidade universal da atividade econômica, ela manifesta um caráter fundamental das sociedades modernas, a saber, a tendência à racionalização que afeta todos os aspectos da vida econômica. Retomando a passagem de Max Weber (apud Lange 1962:396), em seu artigo "L'attitude à l'égard du temps" (Bourdieu 1963c:24)¹², para quem o significado heurístico da teoria da utilidade marginal consiste em um fato histórico-cultural que a aproxima da vida de uma parcela cada vez mais significativa da humanidade — P. Bourdieu vai dedicar suas análises às condições econômicas e culturais do acesso às condutas consideradas racionais pela teoria econômica, mostrando que a adaptação a uma ordem econômica e social, qualquer que seja ela, supõe um conjunto de saberes empíricos transmitido por uma educação difusa ou específica. São estas aquisições que permitem aos indivíduos a adaptação à organização econômica imposta que

é a sociedade colonial e que exige uma determinada atitude no que concerne ao tempo — mais precisamente, no tocante ao futuro: a “racionalização da conduta econômica supondo que toda existência se organiza em relação a um ponto de fuga ausente, abstrato e imaginário” (Bourdieu 1962c:26).

O trabalho consistiu para Pierre Bourdieu e seus distintos colaboradores — fazendo uso simultaneamente de sua posição no espaço social, institucional e disciplinar¹³ — em uma prestação de contas ao universo tradicional em pleno desmoronamento sob o impulso da colonização ainda mais violenta por se sentir acuada, e um meio de analisar a desestruturação das práticas tradicionais e sua reestruturação no mundo capitalista. É este trabalho de reconstituição do universo tradicional que evidencia as relações econômicas que não são tidas ou constituídas enquanto tais — isto é, regidas pela lei do interesse — permanecendo sempre dissimuladas sob o véu das relações de prestígio e de honra. Esta reflexão foi enriquecida com a montagem de um trabalho empírico que aliou pesquisa estatística e entrevistas aprofundadas, com um intenso diálogo entre estatísticos e etnólogos, o que conferiu sentido a resultados construídos a partir de uma interrogação a respeito do emprego na sociedade francesa.

De fato, a aplicação sistemática de um questionário estruturado com base em categorias de pensamento imersas no sistema capitalista não teria sentido se não tivesse sido instruída pelo conhecimento de modelos culturais tradicionais que permitiam compreender os comportamentos das pessoas pesquisadas — estes modelos estando sempre presentes em suas recriações e transformações, em função de novas situações. Inversamente, os dados estatísticos forneciam ao etnólogo, mais afeito à prática da entrevista em pequenos grupos, os meios para encarar uma realidade complexa e instável. Este trabalho híbrido integrou a sociologia, reservando a esta última um lugar diferente, mas não menos significativo do que aquele que lhe é usualmente atribuído, a saber, o de explicar os “resíduos sociais” dos quais o modelo econômico não podia dar conta. Ele permitiu que se fizesse a crítica histórica das categorias e dos conceitos que haviam servido para construir o questionário aplicado no momento da pesquisa — particularmente o trabalho; o desemprego; o uso da moeda; o crédito, para o qual o tempo tem um papel central — e analisar as percepções que deles têm as populações rurais e urbanas, proletárias, subproletárias e comerciantes.

Previsão, previsibilidade e cálculo

À previsão racional do empreendedor capitalista — que vê o futuro como um imenso campo de possibilidades, cabendo ao cálculo humano explorá-

lo, dominá-lo — a análise de P. Bourdieu, enriquecida por seus trabalhos etnográficos em parceria com A. Sayad, opõe a previsão da sociedade tradicional, apreendida como um “por vir”, sinteticamente unida ao presente por um laço diretamente forjado pela experiência. Assim, nada mais estranho ao camponês argelino que uma tentativa de tomar posse de seu futuro. A previsão evoca para ele a desmedida e a ambição diabólica. O futuro da produção encontra-se invariavelmente sacrificado pelo futuro do consumo. Ser previdente significa conformar-se a um modelo transmitido por ancestrais, aprovado pela comunidade e, assim sendo, merecer a aprovação do grupo. A preocupação em obedecer a imperativos sociais, de se conformar a modelos legados pela tradição e de seguir as vias traçadas pela experiência vai ao encontro da visão prospectiva de um futuro projetado e é um templo cíclico que se depreende, uma reprodução simples, menciona o autor, utilizando-se assim das análises de Marx.

Para Pierre Bourdieu, a relação com o tempo é a chave do uso racional da moeda. Enquanto na troca compreende-se direta e concretamente o uso que poderá ser feito de seu produto, com a moeda — que representa um poder de antecipação — o uso futuro por ela propiciado está distante, indeterminado e constitui o símbolo de um futuro abstrato. A moeda supõe a adoção da atitude de projeto com uma infinidade de possíveis. Para indivíduos formados e preparados para uma economia que tende a assegurar a satisfação imediata das necessidades imediatas, o uso racional da moeda — enquanto mediação universal das relações econômicas — supõe necessariamente um aprendizado longo e difícil. P. Bourdieu mostra de que modo as experiências de ruptura de indivisão, favorecidas pela legislação colonial, levaram à miséria numerosos camponeses argelinos que, pressionados por necessidades monetárias, venderam suas terras, dissiparam rapidamente seu pequeno capital e foram estrangidos a trabalhar como operários agrícolas ou a fugir em direção às cidades. A monetarização não estava necessariamente ligada a um domínio crescente do futuro, ela esteve freqüentemente associada à perda do patrimônio cultural e material do campesinato.

A descoberta do trabalho

P. Bourdieu e A. Sayad analisam aquilo que seria o trabalho na sociedade tradicional e o modo como as disposições costumeiras, que sobreviveram à desagregação do antigo modelo, conformaram-se à nova situação objetiva a custo de recriações. Para o camponês de antigamente, a ausência de compatibilidade era um dos aspectos constitutivos da ordem econômica e social da

qual ele participava, e o trabalho era um modo de cumprir suas obrigações com o grupo. A função econômica nunca estava isolada, mas dotada de uma pluralidade de funções. Os preceitos da moral e da honra denunciavam o espírito calculista. Se este último existia, estava a serviço da equidade e se opunha ao espírito de cálculo fundado na avaliação quantitativa do lucro.

Com o desaparecimento da renda da terra, de uma economia na qual reinava a indivisão e com a universalização das relações mercantis, a satisfação das necessidades primárias somente podia ser assegurada por meio do trabalho entendido como atividade capaz de proporcionar uma remuneração em dinheiro. Dali por diante, os antigos modelos de comportamento e particularmente aqueles que regravam as relações com os pais, assim como os antigos valores de honra e de solidariedade deviam ser levados em conta, da mesma forma que as exigências de cálculo e, freqüentemente, ceder a estas últimas. Por exemplo, a autoridade do chefe de família tradicional, independente de sua contribuição efetiva à vida econômica do grupo, viu-se ameaçada pela entrada dos mais jovens no mercado de trabalho e, dali por diante, aquele que traz uma remuneração em dinheiro para o orçamento familiar é o que, de forma reiterada, se declara chefe da família.

Descobrir o trabalho como uma atividade de ganho em oposição à ocupação tradicional que passa a figurar como simples ocupação é descobrir a escassez, noção inconcebível em uma economia que ignorava a preocupação com a produtividade. Para este "exército industrial de reserva", a concorrência será desenfreada e, para os mais "desarmados", que não possuem nem diploma, nem qualificação, não há escolha de profissão senão como resultado do acaso ou do "pistolão". Para uma grande parcela dos subproletários que não encontram emprego rentável, dedicar-se ao pequeno comércio, ser "vendedor de nada por um nada", é uma forma de preservar a dignidade. Trabalhar, ainda que por uma remuneração ínfima, significa, na ausência de outra alternativa, aceder à satisfação econômica, cumprir um dever social, a ociosidade sendo percebida como uma falta moral. À medida que aumentam o grau de confrontação à economia capitalista e o grau de assimilação das disposições correlativas, a tensão entre as normas tradicionais que impõem deveres de solidariedade em relação à família extensa e os imperativos de uma economia individual e calculista não pára de crescer. O processo de adaptação à economia importada pela colonização conduz somente a uma racionalização formal em contradição com a racionalidade material (Bourdieu 1977a:84).

A análise dos dados estatísticos relativos às atitudes e às opiniões permite discernir vários tipos de atitudes econômicas, associadas a diferentes condições materiais de existência e mostra, por exemplo, que o desemprego gera uma desorganização sistemática da conduta, da atitude e das ideolo-

gias. Ao impedir o projeto, o desemprego condena ao “tradicionalismo do desespero”, uma conduta que traduz uma regressão forçada, separada das condutas tradicionais pela consciência da mudança de contexto.

São freqüentemente os menos favorecidos, os subproletários que, questionados sobre a remuneração necessária para viverem adequadamente, são levados a formular projeções desmesuradas. De modo inverso, à medida que aumentam as possibilidades efetivas, as opiniões tornam-se mais realistas, mais racionais; a visão de futuro dependendo largamente das potencialidades objetivas, definidas por cada indivíduo, por seu estatuto social e por suas condições materiais de existência. A partir desta observação, P. Bourdieu demonstra que as atitudes econômicas se definem em relação a dois limiares. O emprego estável e o pagamento regular fazem aceder a um “patamar de segurança”. A finalidade da atividade econômica continua sendo, dessa forma, a da satisfação das necessidades e o comportamento obediente ao princípio de maximização da segurança. O acesso a um limiar de calculabilidade é marcado essencialmente pela obtenção de remunerações capazes de libertarem da preocupação com a subsistência, e coincide com uma transformação profunda das disposições: a racionalização da conduta tende a estender-se à economia doméstica e as disposições compõem um sistema que se organiza em função de um futuro apreendido e dominado pelo cálculo e pela previsão.

As análises estatísticas relativas à consciência do desemprego ilustram de forma significativa a enorme distância que pode existir entre uma situação objetiva e sua representação. De fato, a consciência do desemprego varia segundo os indivíduos interrogados, podendo até mesmo estar ausente em certos casos. P. Bourdieu nos chama a atenção para o fato de que, para taxas muito próximas de ocupação real, os rurais das regiões kabyla declaravam-se desempregados, enquanto os pastores do sul argelino declaravam-se preferencialmente ocupados. Os primeiros, antigos emigrados ou membros de um grupo profundamente transformado por uma longa tradição de fuga em direção às cidades da Argélia ou da França, concebem a atividade agrícola tradicional em referência àquela que proporciona um pagamento em espécie, logo, como desemprego. Os segundos, porque não têm esta concepção de trabalho, não podem perceber como desemprego a inatividade à qual estão condenados e menos ainda as ocupações que lhes outorgava a ordem tradicional.

Da antropologia econômica às lógicas práticas

As análises precedentes demonstram bem como as experiências passadas funcionam em cada momento como uma matriz de percepções, o que levará

P Bourdieu a afirmar, em "Le champ économique", que "a racionalidade é limitada, não somente como acredita Herbert Simon, porque o espírito humano é genericamente limitado, mas porque ele é socialmente estruturado, logo, circunscrito... Os agentes não são universais porque suas propriedades são o produto de sua alocação e deslocamento no espaço social, logo da história individual e coletiva" (Bourdieu 1997). O comportamento de cada agente é menos uma função de suas estratégias e cálculos explícitos do que de seu "sentido do jogo", adquirido ao longo de seu itinerário social.

A palavra *habitus* está presente desde os primeiros textos, bem como a idéia de um princípio gerador de estratégias, sem constituir de forma alguma o produto de uma intenção estratégica verdadeira. "A consciência do desemprego estrutural pode inspirar as condutas e determinar as opiniões sem aparecer claramente aos espíritos por ela assombrados e sem chegar a formular-se explicitamente" (Bourdieu 1963a:268).¹⁴ Da mesma forma, é esboçada a noção de história incorporada: "um conjunto de saberes empíricos, transmitidos pela educação difusa ou específica, de saberes acionados e implícitos — semelhante ao manejo da língua materna — mais do que concebidos explicitamente e solidários com uma 'sabedoria' que não é constituída ou unificada enquanto tal" (Bourdieu 1962c:26). Ainda que o foco da análise se volte prioritariamente para as condutas econômicas, Bourdieu demonstra que a reestruturação das práticas após o desenraizamento do universo tradicional toma uma forma sistemática, tendo em comum a necessária referência a um futuro calculado, a todas as formas de ação racional: regulação dos nascimentos, poupança, preocupação com a educação das crianças — transformações então unificadas por uma afinidade estrutural (Bourdieu 1963b:95). O estudo das práticas econômicas dos antigos camponeses kabyła abre assim o caminho para a teorização de uma "economia das práticas" em todos os domínios da vida social.

No entanto, é somente em *L'Esquisse d'une théorie de la pratique* e em *Le sens pratique* que P. Bourdieu vai elaborar um conceito geral da ação, operando uma ruptura com a concepção estruturalista dos agentes que faz deles simples suportes das estruturas ou executores de regras, reatribuindo a estes últimos uma "espontaneidade condicionada". No prefácio de *Sens pratique*, ele partilha conosco seu itinerário de interrogações alimentado por esse olhar híbrido sobre a realidade mais familiar e mais estrangeira, o que lhe permitiu transformar uma simples observação em seu meio de origem (a reaproximação da distância genealógica seguindo o interesse que podemos ter em retraçar uma parentela) em uma interrogação sobre as condições de obediência à regra de casamento com a prima paralela, considerada típica das sociedades árabes-berbères. Recorrendo à análise

estatística, ele constatou que esse tipo de casamento preferencial não representa senão algo em torno de 4% das uniões contraídas, o que o levou a indagar-se — apoiando-se em Wittgenstein — a respeito das condições de obediência à regra. Ele introduz, nesse estágio, a noção de estratégia que restitui aos agentes uma margem de criação e de improviso, fruto de uma percepção dos possíveis tanto quanto dos prováveis, permitindo-lhes operar um ajustamento às chances objetivas.

Capital simbólico e negação do interesse

É finalmente em seus últimos trabalhos sobre a Argélia — e como ele próprio ressalta em *Raisons pratiques* (Bourdieu 1994), influenciado mais uma vez pela experiência do Béarn e pelo domínio prático da economia doméstica — que P. Bourdieu desenvolve o conceito de capital simbólico. Ele mostra que a economia pré-capitalista repousa sobre uma negação daquilo que consideramos ser a própria economia — que obriga a ter implícitos um certo número de operações e de representações acerca dessas operações: a economia dos bens simbólicos repousa sobre o rechaço ou a censura do interesse econômico. Contrariamente às representações correntes das sociedades pré-capitalistas, essas práticas não cessam de obedecer ao cálculo econômico, ainda que pareçam desinteressadas porque escapam à lógica do cálculo interessado (em sentido restrito), e que se orientem por apostas não-materiais e dificilmente quantificáveis, tradicionalmente alocadas pelos economistas na irracionalidade do sentimento e da paixão.

De fato, na sociedade tradicional, a estratégia produzida pela clientela e que consiste em acumular o capital de honra e de prestígio — obtido particularmente por intermédio dos casamentos — fornece a solução adequada ao problema que seria acarretado pela ocupação contínua de toda a força de trabalho. O capital simbólico (o prestígio, o nome), que facilmente se reconverte em capital econômico, constitui uma forma preciosa de acumulação em uma sociedade na qual o rigor do clima e a escassez dos meios exige o trabalho coletivo. É indispensável ter em conta esta convertibilidade do capital econômico em capital simbólico para poder explicar a economia pré-capitalista. P. Bourdieu chama a atenção particularmente para o fato da circulação total, atual e material de bens ocasionada pelo casamento: "o dote dissimula a circulação potencial de bens indissociavelmente materiais e simbólicos que não são senão o aspecto mais visível ao olhar do *homo economicus* capitalista" (Bourdieu 1972a:240). A apropriação de uma clientela, mesmo herdada, nos diz o autor, supõe todo um *trabalho*, quer se

trate de assistência política contra as agressões, os roubos, as ofensas ou de assistência econômica, freqüentemente em caso de penúria extrema. Em um contexto caracterizado pela precariedade dos meios de produção, a ação dos mecanismos sociais — os quais tendem a fazer da acumulação de capital simbólico a única forma legítima de acumulação — ao impor a dissimulação ou o rechaço do interesse econômico, tendia a impedir o capital material. Retomando os trabalhos de René Maunier (1930), P. Bourdieu menciona que por vezes a assembléia intervinha para advertir as pessoas a “não enriquecerem” (Bourdieu 1972a:238).

Essa negação das práticas “econômicas” diz respeito tanto à produção quanto à circulação, e ambas são portadoras de uma ambigüidade, um tipo de contradição entre a verdade objetiva e a subjetiva. Tudo se passa, de fato, como se aquilo que é próprio da economia tradicional residisse no fato de a ação econômica não poder reconhecer explicitamente os fins econômicos em relação aos quais está objetivamente orientada: a idolatria da natureza impede sua percepção como matéria primeira e, ato contínuo, a constituição da ação humana como trabalho. É a relação encantada do camponês com a terra que o impede de descobrir seu *infortúnio* como *trabalho*; os ritos suscitados pelas lavouras e pelas colheitas preenchendo uma função de dissimulação da verdade objetiva da prática.

Da mesma forma, as festas, as cerimônias, as trocas de presentes — estas últimas correspondendo à função atribuída em nossas sociedades ao crédito — são vivenciadas como simples atos de generosidade, em virtude do tempo que separa o dom do contradom (e torna possível, ainda que mínimo, o risco da não retribuição), acarretando a percepção de que seriam ações gratuitas, isentas de qualquer cálculo, embora sejam indispensáveis à existência do grupo e à sua reprodução econômica. Ao insistir sobre o intervalo de tempo interposto entre o dom e o contradom, que lhes permite “aparecer e desaparecer como tantos atos inaugurais de generosidade, sem passado nem futuro” (Bourdieu 1972a:228), P. Bourdieu rejeita a construção objetivista de Claude Lévi-Strauss que projeta retrospectivamente o contradom no projeto do dom, transformando-os, assim, em encadeamentos mecânicos de atos obrigatórios. “Esta última [a construção objetivista] faz desaparecer as condições de possibilidade do *desconhecimento institucionalmente organizado e assegurado* que está no princípio da troca de dons e, talvez, de todo o trabalho simbólico, visando a transmutar, pela comunicação e pela cooperação, as relações inevitáveis que impõem o parentesco, a vizinhança ou o trabalho em relações eletivas de reciprocidade” (Bourdieu 1972a:228); “essa maneira de ver reduz a troca de dávidas ao ‘toma lá, dá cá’ e não se pode mais distinguir entre uma troca de dom e um ato de crédito (Bourdieu

1994:180). A troca de dons (ou de serviços) opõe-se ao “toma lá, dá cá” da “economia econômica”, na medida em que tem por princípio não um sujeito calculista, mas um agente socialmente predisposto a entrar, sem intenção nem cálculo, no jogo da troca. A boa fé ou a boa reputação constituem as melhores, senão as únicas, garantias econômicas (Bourdieu 1972a:238).

Bens culturais e economia das trocas simbólicas

Foi o conceito de capital simbólico, entre outros, que permitiu a P. Bourdieu explicar não somente a economia do campesinato argelino, mas também analisar setores inteiros das economias ditas capitalistas que não funcionam de modo algum segundo a lei do interesse como busca da maximização do proveito monetário — como a produção dos bens culturais, por exemplo (Bourdieu 1977b, 1992, 1999) — e distinguir-se, assim, do economicismo neoclássico e marxista. Bourdieu mostrou que a constituição da economia enquanto economia — que se operou progressivamente nas sociedades europeias — fez-se acompanhar pela composição de ilhotas ou microcosmos de uma espécie de economia pré-capitalista — como o mercado de arte ou o universo científico, por exemplo — que se perpetuam no sistema capitalista constituído como tal.

Enquanto neste sistema conforma-se um espaço de jogo cujo princípio é a lei do interesse material e onde se afirma o espírito de cálculo no qual “negócios são negócios”, com a gênese de um campo artístico ou literário é a emergência progressiva de um mundo econômico às avessas que se instaura, e nele as sanções positivas do mercado são indiferentes ou mesmo negativas (Bourdieu 1992:22). O êxito comercial pode ter aí valor de condenação e, inversamente, o artista maldito pode tirar partido de sua maldição. Trata-se de um mundo ao inverso, no qual a verdade dos preços está excluída. O capital simbólico supõe a existência de agentes sociais constituídos de forma a atribuir-lhe uma crença não explícita, “uma submissão dóxica às injunções do mundo que é obtida quando as estruturas mentais daquele a quem se dirige a injunção estão de acordo com as estruturas engajadas na injunção que lhe é dirigida” (Bourdieu 1994:190).

A partilha das categorias de percepção, o tabu da explicitação, o trabalho de elaboração de eufemismos permitem o encantamento da relação de dominação, a cumplicidade que leva o caçula à submissão, a exploração doce do pintor por seu *marchand*, o efeito mágico da assinatura e “as revoluções simbólicas que supõem uma revolução mais ou menos radical dos instrumentos de conhecimento e das categorias de percepção” (Bourdieu

1992:243). As pesquisas etnográficas e sociológicas sobre diferentes domínios artísticos permitiram a P. Bourdieu refinar o conceito de capital simbólico e demonstrar que o poder de nomear, o poder simbólico, era igualmente fundamental nas sociedades modernas da Europa. Diferente dos trabalhos sobre a Argélia, aqueles sobre a constituição de um campo intelectual autônomo, dotado de suas próprias apostas e de modalidades de sanções específicas às diferentes estratégias empregadas pelos agentes, deixaram entrever a diferenciação de espaços de jogo autônomo, de *campos*, de acordo com a terminologia do autor. A diversidade desses microcosmos — tão bem analisados em seus livros quanto na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* — leva P. Bourdieu a propor o conceito de “campo do poder” para tratar o que outros designam de Estado, Igreja, “comunidade científica” ou “mundos artísticos”.

Conclusão

São várias as análises empíricas relativas às práticas econômicas dos camponeses kabyla que, por sua posição ambígua em relação ao sistema capitalista — que lhes é brutalmente imposto — possibilitaram a Bourdieu um outro olhar sobre as práticas econômicas dos escritores, dos grandes costureiros, dos editores, de empresários de pequeno porte ou mesmo do Estado¹⁵, fazendo com que o autor nos convidasse, em uma de suas últimas obras dedicadas à economia, a romper com o “preconceito antigenético de uma ciência dita pura, isto é, profundamente desistoricizada e desistoricizante” (Bourdieu 2000:16), fundada sobre a exclusão inicial de todo enraizamento social das práticas econômicas e da teoria econômica propriamente dita. Ele denuncia, então, uma forma muito particular de etnocentrismo, que se disfarça em universalismo e pode levar a creditar universalmente aos agentes a aptidão para a atitude econômica racional, fazendo com isso desaparecer a questão das condições econômicas e culturais do acesso a tal aptidão.

Seus trabalhos mostram que aquilo que a ciência econômica toma como dado é, na realidade, o produto paradoxal de uma longa história coletiva, reproduzida nas histórias individuais, à qual somente a análise histórica pode fazer justiça: “é porque ela as inscreveu *paralelamente* nas estruturas sociais e nas estruturas cognitivas, esquemas práticos de pensamento, de percepção e de ação, que a história conferiu às instituições, cuja economia pretende fazer a teoria a-histórica, sua aparente evidência natural e universal; isto por intermédio da amnésia da gênese que favorece, neste domínio como em outros, o acordo imediato entre o ‘subjetivo’ e o ‘objetivo’, entre

as disposições e as posições, entre as antecipações (ou as esperanças) e as chances" (Bourdieu 2000:16).

O autor nos propõe reconstruir, por um lado, a gênese das disposições econômicas do agente econômico e, especialmente, de seus gostos, de suas necessidades, de suas propensões ou de suas aptidões; por outro lado, a gênese do campo econômico em si, isto é, fazer a história do processo de diferenciação e de autonomização que leva à constituição desse jogo específico: o campo econômico como *cosmos* obedecendo às suas próprias leis e, por isto, conferindo uma validade limitada à autonomização radical operada pela teoria pura ao constituir a esfera econômica como um universo separado. Não foi, de fato, senão progressivamente que a esfera das trocas mercantis veio a se separar dos outros domínios da existência, e que o cálculo dos proveitos individuais se afirmou como princípio de visão dominante contra o rechaço imposto e controlado das inclinações calculistas, o qual estava associado à economia doméstica. Paradoxalmente, esse processo é ele próprio indissociável de uma nova forma de repúdio e de negação da economia e do econômico, que se institui com a emergência dos tais campos de produção cultural fundados sobre a rejeição às suas condições econômicas e sociais de possibilidade.

Feito isto, P. Bourdieu propõe uma leitura muito original do processo de "desembeddeness" do qual falava Karl Polanyi, que estaria na base da construção do campo econômico como domínio social autônomo. A "institucionalização" dos mercados interdependentes e formadores de preço — para utilizar a linguagem polanyiana — supõe também a ação dos homens políticos e dos economistas, em particular esta ação fundamental que constitui a atividade de nomear o mundo social. De fato, nos últimos anos de sua vida, P. Bourdieu dava atenção crescente àquilo que havia designado de "efeito de teoria", isto é, a inscrição na realidade social dos modelos construídos para dela darem conta — modo de nos lembrar que os debates provocados pela teoria econômica debruçam-se tanto sobre as constatações de uma realidade objetiva que existiria independente de toda a atividade de conhecimento, quanto sobre os modelos performativos que contribuem para a gênese de novas situações econômicas e sociais. Se esta questão tornou-se pertinente atualmente no campo das ciências sociais, o imperialismo econômico de um Gary Becker e a valorização da teoria dos jogos testemunham que a análise científica nos relembra que a análise dos fatos econômicos não pode estar dissociada daquela dos campos científicos e das relações entre as diferentes disciplinas.

Recebido em 22 de setembro de 2005

Aprovado em 08 de agosto de 2006

Traduzido por Roberta Ceva

Marie-France Garcia-Parpet é pesquisadora no Institut National de la Recherche Agronomique (INRA) e pesquisadora vinculada ao Centre de Sociologie Européenne. E-mail: <garcia@ivry.inra.fr>

Notas

* Uma primeira versão deste artigo foi publicada em *Rencontres avec Pierre Bourdieu* (Mauger 2005), com o seguinte título: "Des outsiders dans une économie de marché: Pierre Bourdieu et les travaux sur l'Algérie".

¹ Ainda que tenha se inclinado sobretudo à análise dos fenômenos políticos e religiosos, Georges Balandier interessou-se pelas economias pré-coloniais no contexto do estudo do Terceiro Mundo e do desenvolvimento (Balandier 1956).

² Cf. particularmente Emmanuel Terray (1969) e Maurice Godelier (1973).

³ A Escola de Engenharia Politécnica e a Escola Normal Superior de Paris figuram entre as chamadas "grandes escolas", as quais só se tem acesso por concurso, ao contrário do que ocorre, na França, para o ingresso nas universidades.

⁴ Entrevista concedida por Claude Seibel à autora (Seibel 2003).

⁵ "Sartre introduzia um estilo, um tom... era de fato bastante análogo àquele introduzido por Heidegger em outro contexto: ele dava a impressão de colocar a filosofia no mundo. Ele falava de coisas da vida cotidiana em uma linguagem que poderia ter configurado um romance e era muito comovente para um jovem aprendiz de filósofo". Pierre Bourdieu em entrevista a Franz Schultheis, "Der totale Intellektuelle. Ein Gespräch mit Pierre Bourdieu über Jean-Paul Sartre", *Süddeutsche Zeitung*, publicada em versão francesa em *l'Année Sartrienne*, n° 15, juin 2001 citado por Sapiro (2001:169).

⁶ Texto republicado em 2002 em uma coletânea de textos selecionados e apresentados por Frank Poupeau e Thierry Discepolo, *Interventions, sciences sociales et action politique*.

⁷ "Em uma situação revolucionária... descrever é também denunciar" (Bourdieu 1963a:262).

⁸ A primeira retomada deste artigo recoloca em questão a visão estruturalista que faz dos agentes simples suportes das estruturas cognitivas ou executores de regras. Cf. "Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction" (Bourdieu 1972b) e "Le bal des célibataires" (Bourdieu 2002a).

⁹ No que concerne à trajetória de Abdelmalek Sayad, sua obra e sua relação com Pierre Bourdieu, conferir a entrevista por ele concedida a Federico Neiburg (1996).

¹⁰ Particularmente, "La société traditionnelle. Attitude à l'égard du temps". O autor distingue entre a ajuda, encorajada e valorizada pela tradição, e a cooperação, trabalho coletivo orientado para fins abstratos. Nada mais falso do que considerar que as tradições de solidariedade preparam os camponeses argelinos para se adaptarem às estruturas cooperativistas ou coletivistas. Esta formulação rigorosa dos desafios com os quais o campesinato tradicional confronta-se permitia encerrar os falsos debates sobre o sentido da "coletividade forçada" em oposição ao eterno "individualismo camponês" (Bourdieu 1963c:31).

¹¹ No original, "dépayssannisation", termo que não encontra uma tradução exata ao português.

¹² P. Bourdieu retomará mais tarde esta idéia a propósito da obra de Marx, denominando efeito de teoria a contribuição particular das formulações com pretensões científicas sobre a constituição do mundo social de acordo com a imagem por elas fornecida. Neste sentido, o conceito de classe social não era neutro na construção de tal imagem (Bourdieu 1984).

¹³ Pensamos aqui na especificidade da trajetória do autor, que o levou a politizar de uma forma muito particular sua participação forçada em uma guerra que ele considerava absurda; na particularidade da situação colonial, que permitia aos investigadores realizarem suas pesquisas em situação de conflito (ainda que enfrentando muitos perigos) e a encontrarem na realização dessa pesquisa a única maneira de manifestarem seu desacordo em relação a um governo do qual eles haviam participado, fornecendo elementos para a elaboração do Plan de Constantine que consistia em uma solução de integração e que havia sido descartado.

¹⁴ Da mesma forma, ele está presente em "Célibat et condition paysanne" (Bourdieu 1962c:114-115), a propósito do *habitus* corporal dos camponeses.

¹⁵ Por exemplo, o Estado contribui a partir de formas de regulamentação, de ajudas financeiras destinadas a favorecerem uma ou outra maneira de satisfazer os gostos em matéria de alojamento, de ajudas para construtores ou particulares, de empréstimos para a habitação para definir um estado do mercado imobiliário (Bourdieu e Christin 1990).

Referências bibliográficas

- BALANDIER, Georges. 1956. *Le tiers-monde, sous-développement et développement*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BOURDIEU, Pierre. 1958. *Sociologie de l'Algérie*. Paris: PUF (Collection Que sais-je?).
- _____. 1959a. *The algerians*. Boston: Beacon Press.
- _____. 1959b. "La logique interne de la civilisation algérienne traditionnelle". In: *Le sous-développement en Algérie*. Alger: Secrétariat Social. pp. 40-51.
- _____. 1959c. "Le choc des civilisations". In: *Le sous-développement en Algérie*. Alger: Secrétariat Social. pp. 52-64.
- _____. 1960. "Guerre et mutation sociale en Algérie". *Etudes Méditerranéennes*, 7:25-37.
- _____. 1961. "Révolution dans la révolution". *Esprit*, 1:27-40.
- _____. 1962a. "De la guerre révolutionnaire à la révolution". In: *L'Algérie de demain* (étude présentée par François Perroux). Paris: PUF.
- _____. 1962b. "Les sous prolétaires algériens". *Les Temps Modernes*, 199:1030-1051.
- _____. 1962c. "Célibat et condition paysanne". *Etudes Rurales*, 5-6:32-136.
- _____. 1963a. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris-La Haye: Mouton.
- _____. 1963b. "La hantise du chômage chez l'ouvrier algérien. Prolétariat et système colonial". *Sociologie du Travail*, 4:313-331.
- _____. 1963c. "La société traditionnelle. Attitude à l'égard du temps et conduite économique". *Sociologie du Travail*, 1:24-44.
- _____. 1965. "The sentiment of honour in kabyle society". In: J. Perisitany (org.), *Honour and shame*. Chicago: The University of Chicago Press/London: Weinfeld and Nicholson. Press (texto escrito em 1960). pp. 141-191.
- _____. 1970. "La maison kabyle ou le monde renversé". In: J. Pouillon & P. Maranda (orgs.), *Echanges et communications. Mélanges offerts à Claude Lévi-Strauss à l'occasion de son 60^e anniversaire*. Paris-La Haye: Mouton. pp.739-758.
- _____. 1972a. *Esquisse d'une théorie de la pratique (précédé de trois études d'ethnologie kabyle)*. Genève: Librairie Droz.
- _____. 1972b. "Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction". *Annales*, 4-5:1105-1127.
- _____. 1976. "Les conditions sociales de la production sociologique: sociologie coloniale et décolonisation de la sociologie". In: *Le mal de voir*. Cahiers Jussieu, 2:416-427.
- _____. 1977a. *Algérie 60, structures économiques, structures temporelles*. Paris: Editions de Minuit.
- _____. 1977b. "La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 14:3-43.
- _____. 1980. *Le sens pratique*. Paris: Minuit.
- _____. 1984. "Espace social et genèse de 'classes'". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 52-53:3-12.
- _____. 1986. "The struggle for the symbolic order" (Entrevista a A. Honneth, H. Hocyba e B. Schwibs). *Theory, Culture and Society*, 3(3):33-51.
- _____. 1992. *Les règles de l'art*. Paris: Seuil.

- _____. 1994. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil.
- _____. 1997. "Le champ économique". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 119:55-68.
- _____. 1999. "Une révolution conservatrice dans l'édition". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 126/127:3-28.
- _____. 2000. *Les structures sociales de l'économie*. Paris: Seuil.
- _____. 2002a. *Le bal des célibataires. Crise de la société en Béarn*. Paris: Seuil.
- _____. 2002b. "Retour sur l'expérience algérienne". In: F. Poupeau e T. Discepolo (org.), *Pierre Bourdieu, interventions, science sociale et action politique*. Marseille: Agone. pp. 37-43.
- _____. 2004. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raisons d'Agir.
- _____. 2005. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. & CHRISTIN, Rosine. 1990. "La construction du marché. Le champ administratif et la production de la politique du logement". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 81-8:65-85.
- _____. & WAQUANT, Loïc. 1992. *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil.
- GARCIA JR., Afrânio. 2003. "Le déracinement brésilien". In: P. Encreter e R. M. Lagrave (orgs). *Travailler avec Bourdieu*. Paris: Flammarion. pp. 305-309.
- GARCIA-PARPET, Marie-France. 2005. "Des outsiders dans l'économie de marché. Pierre Bourdieu et les travaux sur l'Algérie". In: G. Mauger (org.) *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Paris: Éd. Le croquant. pp. 547-564.
- GODELIER, Maurice. 1968. *Rationalité et irrationalité en économie*. Paris: Maspero.
- _____. 1973. *Horizons et trajets marxistes*. Paris: Maspero.
- LANGE, Oskar. 1962. *Economie politique*. Tomo I : Problèmes généraux. Paris: PUF
- LOPES, José Sergio Leite. 2003. "Pierre Bourdieu et le renouveau des enquêtes sur les classes populaires brésiliennes". *Awal*, 27-28:169-178.
- MAUGER, Gérard. 2005. *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Paris: Éd. Le croquant.
- MEILLASSOUX, Claude. 1964. *Anthropologie économique des Gouro de Côte-d'Ivoire. De l'économie de subsistance à l'agriculture commerciale*. Paris/ La Haye: Mouton.
- MAUNIER, René. 1930. *Mélanges de sociologie nord-africaine*. Paris.
- PINTO, Louis. "Penser la pratique". *Awal*, 27-28:88-102.
- POLLAK, Michael. 1986. "Max Weber en France, l'itinéraire d'une œuvre". *Cahiers de l'IHTP*, 3:1-46.
- POUILLON, François (org.). 1976. *L'anthropologie économique, courants et problèmes*. Paris: Maspero.
- POUPEAU, Frank e DISCEPOULO, Thierry. 2002. *Pierre Bourdieu, interventions, science sociale et actions politiques*. Marseille: Agone.
- REY, Philippe. 1971. *Colonialisme, néo-colonialisme et transitions au capitalisme. Exemple de la "comilog" au Congo-Brazaville*. Paris: Maspero.
- SAPIRO, Gisèle. 2001. "Pourquoi le monde va-t-il de soi? De la phénoménologie à la théorie de l'habitus". *Etudes Satriennes VIII, Cahiers RITM*, 24:165-186.
- SAYAD, Abdelmalek. 1996. "Colonialismo e migrações". Entrevista concedida a Federico Neiburg. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 2(1):155-170.
- SEIBEL, Claude. 2005. "Le développement des études sociales dans le système statistique public". In: G. Mauger (org.) *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Paris: Editions Le croquant. pp. 31-34.
- SOMBART, Werner. 1926. *Le bourgeois*. Paris: Payot.
- TERRAY, Emmanuel. 1969. *Le marxisme devant les sociétés primitives (deux études)*. Paris: Maspero.

Resumo

O artigo se propõe a mostrar que o interesse de P. Bourdieu pelas questões econômicas já estava presente desde seus primeiros trabalhos — sobre o processo de adaptação ao capitalismo das populações autóctones na Argélia — nos quais já se encontram as formas mais elaboradas de uma sociologia da economia. Nesses trabalhos, fortemente ancorados em uma pesquisa realizada na mesma época sobre o celibato e a crise da reprodução camponesa no Béarn, sua região de origem, P. Bourdieu opõe-se radicalmente à concepção da teoria neoclássica, e demonstra que as disposições econômicas mais fundamentais — necessidades, preferências, propensões ao trabalho, à poupança e ao investimento — não são exógenas, colocando em evidência as condições sócio-históricas do comportamento econômico racional. Tais trabalhos revelaram-se essenciais para todas as pesquisas posteriores como fontes de questões a serem examinadas, como matrizes de inovações conceituais e como posturas teóricas posteriormente afirmadas.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu, Economia, Mercado, Argélia, Racionalização das condutas econômicas.

Abstract

The present article analyzes P. Bourdieu's interest in economic questions, showing how this interest was present since the author's initial work — regarding the autochthonous population of Algeria's adaptation to capitalism — in which more elaborate forms of a sociology of the economy can already be found. In these works, which were anchored on simultaneous research conducted regarding celibacy and the crisis of peasant reproduction in Béarn, P. Bourdieu's birth region, the author radically opposed neo-classical theoretical concepts. Bourdieu demonstrated that the most fundamental economic dispositions (needs, preferences, propensity towards work, savings or investment) were not exogenous, exposing the socio-historical conditions of rational economic behavior. These works are essential elements in the forging of an understanding of all of Bourdieu's later research. They are sources of the questions which will later be examined, matrices of conceptual innovation and theoretical positions which will later be developed and affirmed.

Key words: Pierre Bourdieu, Economy, Market, Algeria, Rationalization of economic conduct.